



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 16 de Outubro de 1993 • Ano L - N.º 1294 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Casa do Gaiato de Malanje — Angola. E uma afirmação poética do nosso Padre Telmo: «O sol anda como que à procura duma janela rasgada nas núvens negras da guerra — para mostrar o azul...»

ENCONTROS em Lisboa

Ajudem a combater uma chaga que atinge muitos incautos

COM uma frequência quase semanal, recebemos telefonemas informando que em tal sítio se anda a fazer um peditório a favor da Casa do Gaiato. As formas são diversas. Uma vez vende-se um género de emblema do cabeçalho do nosso jornal ou uma fotocópia do presumível carimbo da Obra. Outras vezes são pagelas fotocopiadas com uma imagem de Nossa Senhora e pela qual é pedida uma moeda não inferior a duzentos escudos. Aparece também o peditório de mão estendida sem contrapartidas. Nos últimos tempos surgiu a venda de colchas e bordados, utilizando o nome da Casa do Gaiato para assim se conseguir uma aceitação fácil junto dos presumíveis compradores.

Isto não é novo. Cremos que nos últimos tempos tem sido mais frequente. Os locais onde estes peditórios se fazem têm sido sobretudo: Hospital de Santa Maria, Jardim Zoológico, Rossio, entrada dos cemitérios, Entrecampos. Pelas descrições que nos fazem são sempre as mesmas pessoas, parecendo um grupo organizado com um negócio bem montado. Outras instituições se têm queixado de procedimentos semelhantes.

O nosso jornal já muitas vezes alertou para estas situações. Sabemos que a nossa voz não chega a todo o lado e lamentamos que tanta gente se deixe levar no canto da caridadezinha,

Continua na página 3

SETÚBAL

Uma romagem

Em meados de Setembro veio até nós um grupo de cristãos de Leiria em espírito de peregrinação. Transportaram-se em autocarro e fizeram-se acompanhar de um sacerdote ainda jovem, seu guia na fé. Não quero chamar a esta romagem uma excursão pura e simples. Não senhor. Não foi. Nem também o pagamento da nossa visita a quando do espectáculo que lhes oferecemos no José Lúcio da Silva, em Junho passado. Tudo estava saldado em carinhos, acolhimento e valor material. Leiria tinha-nos enchido as medidas.

Este grupo de homens e mulheres buscava a identificação com a sua fé no carisma social. Uma Casa do Gaiato é lugar privilegiado para esta reflexão, pois a luz entra pelas portas mais subtis da inteligência e do coração. É o conforto com os mais pobres, mais pequeninos e mais indefesos inocentes do mundo que os rodeia, com o método evangélico de os acolher — em família — de os promover — aqui ninguém é assistido, todos são assistentes — e de os educar, na liberdade e na responsabilidade, manifestando de uma forma evidente a dignidade do homem, hoje tão apregoada e tão desprezada, até por tantos que teoricamente a exaltam.

O confronto com as vidas que na Casa do

Gaiato se dão por inteiro até ao esgotamento das suas forças, na humildade e na pobreza, sem alardes de qualquer espécie, apoiadas simplesmente na Pessoa de Jesus.

A confrontação com a Providência de Deus que se manifesta, eficaz e viva por forma a tornar-se evidente!

Acareação com o valor da pobreza que apaixonou Francisco de Assis, o Padre Américo e tantos outros.

A Casa do Gaiato é um santuário vivo, onde as imagens são almas deste mundo em crianças e jovens outrora na rua e hoje em sua Casa. Não admira que as pessoas se sintam tocadas e instintivamente se voltem para Deus!

Rareiam as paróquias e os sacerdotes que fomentam peregrinações a estes santuários, mas ainda os há e o facto merece realce nas páginas do *Famoso*.

Os Leirienses deixaram-nos 131.500\$00 de pessoas que não os podendo acompanhar fisicamente, partilharam os próprios bens.

Castelo Branco quis também voltar mas não se organizou, enviando dádivas no valor de 54 contos.

Aveiro reeditou a peregrinação do ano passado mas este ano ao Tojal e deixou 390 contos, embora o Padre Cristóvão só recebesse 242. O resto *voou* não sabemos como, nem para quem. Coisas do Diabo!

Padre Acílio

«Da Família nasce a Paz para a Humanidade»

1994 é o Ano Internacional da Família por iniciativa das Nações Unidas. Talvez por isso, a Igreja escolheu para o próximo 1 de Janeiro — Dia Mundial da Paz — o tema «Da Família nasce a Paz para a Humanidade».

Duas realidades — um *ser*: a Família; um *estado*: a Paz — que se apresentam numa relação de dependência sobre a qual é importante reflectir.

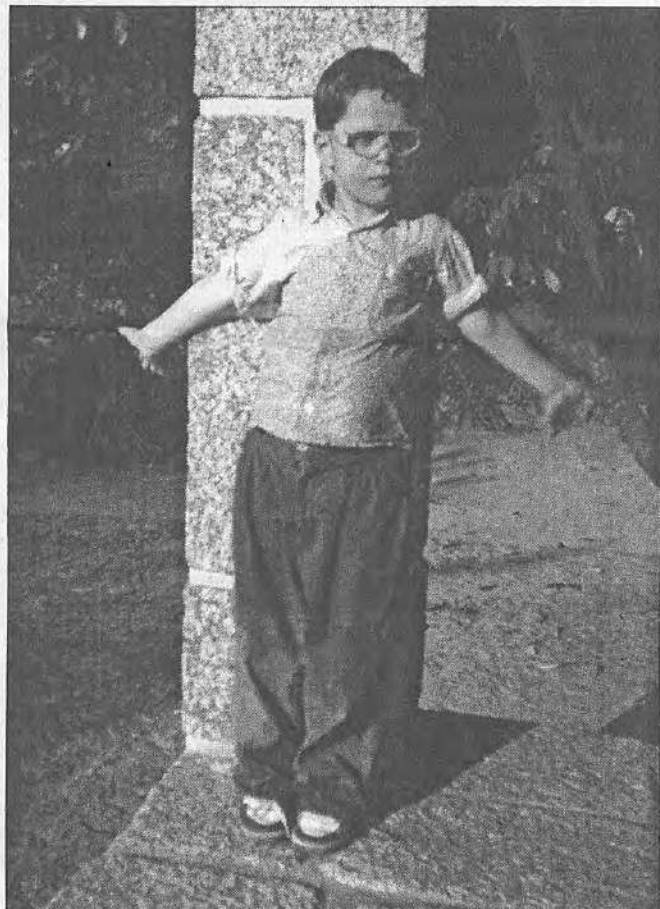
Estar em Paz — Haverá homem no uso das suas faculdades que tal não queira para si? E, no exercício da sua bondade natural, tal não deseje para toda a Humanidade? Para si, com certeza, todo o homem a quer. Para os outros, creio que nenhum se atreve a afirmar desejo contrário. Porém, se não é sincero, nega, realmente, a sua bondade natural, atraiçoa a solidariedade que todos uns aos outros nos devemos, torna-se um agente de desumanização.

Aceitemos, pois, que estar em paz é uma das mais universais aspirações do homem. Então tudo o que a ela conduz, merece a consideração e o esforço de cada homem. E tudo começa no seu íntimo. Desta procura de um coração pacífico, ninguém está dispensado. Pois se é verdade que por ser o homem imagem de Deus sempre haverá nele um conteúdo de bondade, também o é que, mercê da insanidade da nossa natureza, esta bondade existe misturada com instintos de soberba, de egoísmo, mesmo de agressão. Assim como há-de arrancar-se a partícula de ouro de pesada massa de terras sem valor, assim o homem tem de explorar a sua bondade na confusão desses instintos. O fundamento da Paz é esta primeira vitória do homem na luta aceite dentro de si mesmo, sobre si mesmo. Se não for assim, nunca a Paz será autêntica e qualquer aparência dela está condenada à ruína como construção sem alicerce.

O homem é a primeira condição da Paz. E como ele se faz de menino no seio da Família, ei-la fonte privilegiada da Paz para a Humanidade. De facto é na Família que os instintos de soberba, de egoísmo, mesmo de agressão, hão-de ser tratados e imunizados para que sobressaia no homem a fazer-se a bondade que, com certeza, nela há. Acção esforçada, por vezes dolorosa, que envolve pai e mãe e filhos. Educar é dar forma ao informe e corrigir as deformações. Tarefa sagrada a que os pais se devem, que não se esgota na procriação e na sustentação da prole, e exige deles uma sabedoria e uma entrega a que não bastam a luz e forças naturais.

Pai Américo ao constituir-se pai desta grande Família, grande e difícil porque marcada em cada membro por feridas de acidentes e desvarios de famílias que o não são em verdade, teve a intuição da sacralidade, das agruras da missão a que Deus o chamava. E consciente de que a fecundidade do agir é consequência da virtude do que age, encontrou o seu caminho e

Continua na página 4



O nosso «Ricky»

Conferência de Paço de Sousa

VOZ DOS SEM VOZ —

Logo que topámos o caso, passou às nossas mãos. Um problema que na (dita) sociedade de abundância, em crise, poderia estar amenizado ou solucionado pelas estruturas existentes.

O homem de braço dependurado, cheinho de dores — angustiado! — lança um SOS: — Não aganto mais as dores... a minha vida!

É um braço morto, precariamente ligado ao ombro, donde verte sabe Deus o quê — provocando dores horríveis.

Ficamos chocados com esta pobre vítima dum acidente de viação e, num forte impulso, recorremos logo aos Bombeiros Voluntários, *pau para toda a colher*: — Levem já este senhor ao Porto, à urgência do hospital, para que analisem e decidam o seu imediato rein-terramento.

Por causa do hiato, não sabemos o que lhe irá acontecer. No entanto, esperamos corrija o que puder ser. «Não tem havido lugar no bloco... para mim» — afirma ele com simplicidade.

Sofre mais na alma e no corpo (como manter mulher e filha?!): As Seguradoras ainda não deram provimento nem algo por conta. E a Segurança Social, que deveria estar na primeira linha, entricheira-se, como sempre, até uma decisão jurídica do acidente: o beneficiário não existe! O certo é que haveria já motivo para um acelerado processo de pensão. Mais ainda: As duas entidades

não poderiam estabelecer um acordo de cooperação para estes casos que redundam em pobreza absoluta?! Óbvio, sendo as leis iníquas, os vicentinos suprem materialmente — na totalidade. Não há Justiça Social!

PARTILHA — O habitual donativo do assinante 17258, de Baguim do Monte, Rio Tinto, «para a casa da viúva».

Cinco mil, da assinante 14493, do Porto, «referente ao mês de Setembro» e, acentuando com mágoa os problemas africanos, acrescenta: «Os bens que possuímos não vieram de lá. São produto de muito trabalho nosso — ao longo de muitos anos».

Assinante 11655, também do Porto: «Sou viúva. Tenho 75 anos. Vivo da minha pensão. E, felizmente, dois filhos me amparam e estimam. O restante das contas com O GAIATO é para ajudar a viúva mais necessitada. Muito pouco, mas dado do fundo do meu coração».

Registamos o costumado óbolo do casal-assinante

11902, do Fundão, e procedemos à «distribuição habitual». Votos de melhor saúde.

Outro, muito assíduo: «Para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, remeto a migalhinha referente ao mês de Setembro — 5.000\$00 — e toda a amizade de Uma Portuense Qualquer». As maiúsculas são nossas, para substantivarmos a sua perseverança.

Assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Incluo uma pequena ajuda em cheque — 6.000\$00. Peço, sobremaneira, uma oração ao Senhor por todas as benditas almas do Purgatório, em especial pelas mais esquecidas, mais abandonadas». Um dever cristão!

Mais cinco mil, do assinante 24832, de Mira de Aire, «para um caso mais necessitado. Gosto da leitura d'O GAIATO, jornal pequeno mas de grande conteúdo — e evangelizador».

Assinante 36212, de Gondomar: «Sou assinante d'O GAIATO. Leio com especial atenção as colunas que referem as necessidades que vos são apresentadas. A minha

oferta não será muito grande, eu sei; apenas uma gota. Contudo, recebam-na e façam-na render naquilo que achardes mais urgente. Bem haja todos aqueles que olham para o Próximo e com eles partilham o dia a dia de sofrimento e pobreza».

Agora, duas ofertas de vizinhas: 4.000\$00. Mais cinco, da assinante 5775, de Lousada: «Não posso dar nenhuma lembrança do meu marido que já está com Deus, no dia em que tantas vezes com alegria festejámos o seu aniversário. Resolvi, por isso, dar uma pequena ajuda aos Pobres da Conferência de Paço de Sousa». Testemunha o ser e o agir do Grande Sacramento!

Outra presença, de muitos anos — de todos os meses: a assinante 31104. Ora, «com outra distribuição» muito justa — e um voto: «Que Deus, no Além, proteja os meus entes queridos e se digne aceitar por suas almas o pouco que faço pelos Pobres. Rezem por mim». Sinal de Fé!

A coluna, da procissão, fecha com a assinante 57002,

do Porto; cheque de dez mil, sublinhando: «Só peço uma oração por mim e pelos meus familiares». O Senhor escutou.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

MUDANÇAS DE TRABALHO — Já se efectuaram as mudanças de trabalho. A maior parte dos rapazes ficou satisfeita com o seu novo serviço, mas outros nem por isso. É o caso do «Balão», que está na vacaria. O «Batata-Velha» contente porque deixou aquela e agora pertence ao despacho do correio. Outros continuam no mesmo serviço. É o caso dos miúdos da lenha e também os que precisam de ficar em certas obrigações que requerem alguma responsabilidade.

ESCOLA — Em nossa Casa, os que estudam já têm

aulas. Na parte de manhã a Escola Primária. À tarde, os mais crescidos, no Ciclo Preparatório (Telescola). Todos os que revelam capacidade seguem os estudos fora, em Escolas Secundárias.

COPA — As obras, da nossa copa, estão a meio caminho. A parte de dentro quase terminada (onde se lava a loiça); e, na parte do corredor (onde ela se arruma), puseram os azulejos. Mas falta chegar ao fim.

SILO — O mais velho está cheio. Meno carrega; Serafim cilindra o milho com o tractor e a ajuda do Nuno e do Ângelo.

VINDIMA — Principiou, em bom ritmo, na vinha da mata e passou aos campos novos. As condições atmosféricas não beneficiaram as uvas! Aceitemos a vontade de Deus.

DESPORTO — Após alguns sábados de treino, a equipa realizou os primeiros jogos da época. Ambos vitoriosos. No domingo, de manhã: 7-2. À tarde: 19-1. Bons resultados!

Apelamos aos leitores do «Famoso»: quem quiser defrontar-nos é favor dirigir-se ao Luprício.

«Vitinho»

MIRANDA DO CORVO

VINDIMA — Este fim-de-semana iniciámos a vindima. Os companheiros do Lar de Coimbra foram os vindimadores, também com a ajuda de alguns rapazes de Miranda do Corvo. Iniciámos a tarefa no olival dos poços. O Zé, com o tractor, levava a dorna para a adegas. O João e o Carlos prontos para pisarem as uvas.

VISITAS — Há muito que não recebíamos visitas em nossa Casa. Hoje, tivemos o prazer de acolher uma excursão de Castelo Branco.

Principiámos logo com uma Missa bem vivida. Depois, o almoço. Houve muita coisa boa e todos gostámos. No final do almoço ofereceram um novo frigorífico. Agradecemos.

MILHO — Temos andado muito atarefados com o milheiral. Os rapazes têm andado a apanhar a folha do milho. O poço novo está já com a espiga apanhada, graças ao esforço dos nossos companheiros. Também começámos a tirar a camisa ao milho. Ainda temos duas terras com muita espiga por apanhar e esperamos que seja brevemente.

Frederico

TOJAL

ESPÍRITO DE AVENTURA — Está nas veias de alguns dos nossos rapazes! Ainda há pouco tempo o «Abóbora» e o «Careca» fugiram. Mas, como uma nunca vem só, passado uma semana tornaram a fazer a mesma proeza. Aprenderam o caminho que os levaria a Peniche,

NOTÍCAS DE MOÇAMBIQUE

MACHAMBA (Agricultura) — Há meses que não ouvimos notícias das machambas das Casas do Gaiato de Portugal.

Sou o primeiro gaiato de Moçambique! Trabalho na machamba da nossa Casa, aqui na Massaca 1, e queria dar graças pelas sementes que nos deram. Agora, já colhemos muitas coisas: tomate, cenoura, couve, beterraba e outras coisas mais.

O José também trabalha nela e, da nossa fazenda, traz muitas coisas para a nossa alimentação. Ficamos contentes com os frutos que conseguimos tirar da terra.

Telmo Fernando

Já semeámos feijão e preparamos terreno para plantarmos laranjeiras, cajueiros e papaceiras. Agora, colhemos batatas, tomates, cebolas, alface, cenoura, couve-flor, alho, mandioca, melancia. Coisas boas para comer. Temos um campo grande para semear milho, mas não temos água. Mesmo o feijão semeado, precisa de muito trabalho para se regar, pois temos que carregar todos os dias os tubos e os aspersores para chegarem a todo o feijão. Há mais dois furos feitos, mas ainda sem bombas para puxar a água.

José Francisco

CARPINTARIA — Já sei fazer aros e ajudo a fazer portas para montar na fazenda. Eu e o Samuel raspamos a madeira com o raspador. Sei medir com a fita métrica, pôr em esquadria e cortar como deve ser. Cada dia aprendemos mais coisas. O meu amigo Samuel está ainda a aprender a raspar e a cortar a madeira. Gosto muito desta profissão. Estamos com falta de raspador de asas e plainas.

Serei o futuro carpinteiro desta Casa do Gaiato.

Ivo Alberto

Eu, o Ivo, o Rogério e o Adriano estamos a aprender, pouco a pouco, a trabalhar na carpintaria. Já fazemos muitas coisas para a nossa Casa. Estamos preparando capoeiras para as galinhas e os coelhos, da fazenda.

Samuel Fernando

MECÂNICA — Eu sou ajudante do mecânico. Sei fazer muitas coisas: mudar o óleo dos motores, tirar os pneus das jantes, etc.

Trabalho da parte da manhã e, à tarde, vou à Escola, ficando o Décio a ajudar o mecânico. Eu gosto muito deste trabalho. Aprendemos uma boa profissão e esperamos que, daqui a uns anos, sejamos úteis.

João Fernando

ELECTRICIDADE — Aprendo a profissão de electricista. Estamos a pôr a instalação eléctrica. Quero contar como trabalho: Montamos caixas na parede e as luzes. Tenho de saber o nome da ferramenta para quando o mestre pedir, saber qual é. Já sei fixar as abraçadeiras com os pernos, para a instalação eléctrica ficar bem e bonita. O trabalho feito de qualquer jeito não está certo.

Daqui a uns dias teremos energia na fazenda. Eu fico contente.

Lidamos muito com caixas, pregos, lâmpadas, cabos, candeeiros e tomadas.

Já montámos energia nas máquinas de lavar roupa e, também, na carpintaria e serralharia. Eliminámos as extensões provisórias e perigosas para os mais novos.

Sempre que necessário arranjamos as luzes e os piscas dos carros e dos tractores. Com todos estes trabalhos vou conhecendo muita coisa, como por exemplo o número dos cabos: um e meio; três e meio; e quatro e meio.

António Romão

PINTURA — Trabalhei na pintura. O meu mestre ensinou-me a pintar. Ele é muito simpático. Consegui pintar as portas, as janelas e tudo o que era preciso. Se trabalhasse de qualquer maneira, estava a estragar a tinta e o serviço ficava mal. O mestre ensina com muita paciência. Apreendi muito! A fazenda ficou muito bonita. Mas, um dia, saí de lá porque andava sempre a brincar. A Irmã mandou-me, então, para o serviço do refeitório.

Vou tentar ser melhor.

Rui Miguel

SERRALHARIA — Nós já cobrimos a fazenda quase toda. Fomos à Massaca medir e estamos a fazer as asnas da nossa Casa. Já são sete e faltam-nos três. Pintamo-las com uma pistola de compressor. Quem nos ensina a trabalhar nisto tudo é o tio Lourenço.

Francisco Simeão

ANIMAIS — Temos duas vacas e um boi. Há dias, uma delas deu um vitelo muito bonito. Separámo-lo para o vitelheiro. Aí ele mama à vontade e também mungimos a vaca. Alguns foram para a fazenda com o nosso Padre José Maria mungir a vaca e ver se o leite estaria em condições de o consumirmos, para sentirmos um saborzito do leite da nossa vaquinha.

Cá em baixo, a nossa perua teve cinco peruzinhos. Nasceram em 3 de Outubro. Eu ando preocupado para não acontecer o que aconteceu na última vez: deixei-os afogar no prato da água! Desta vez, pus um prato bem baixinho. Estes vão viver.

Rui Miguel

BAPTISMOS — No ano passado baptizámos muitos meninos. Agora, também. Em 26 de Setembro foram mais cinco rapazes: Marcelino, Alberto, Celso, Faustino e Manuelito. Vamos esperar que a Irmã, durante este mês, observe cada um. E esperamos outro dia de baptizados.

Ivo Alberto

OBRAS — Trabalho nas obras. Aprendo muito. Sei colocar os blocos, rebocar e fazer varandas. Sei que esta profissão é boa, pois quando crescer poderei ser um homem. Quero preparar o meu futuro. E, quando crescer, fazer uma casa para mim.

Nélson Pedro

entraram em *paranóia* e puseram o gosto da aventura à frente de tudo e de todos. O «Abóbora», dias depois, regressou a pedido da assistente social. Do «Careca» até ao momento ainda não se sabe nada. Mas, se estiver na mesma situação em que estava, deverá voltar para o meio da comunidade de que faz parte e estará melhor pois a sineta, lá, não toca quatro vezes ao dia.

UM «BATATINHA» — Esperamos mais um, de seis meses. As senhoras preparam o terreno para que seja recebido da melhor forma que puderem.

CARAS NOVAS — Acolhemos o Paulo, o Luís, o Elísio e o Avelino. Que se dêem bem. Os dois mais novos, no primeiro dia, fartaram-se de chorar. Foi só o primeiro dia. Agora, a conversa é outra. Começaram a ambientar-se à nossa vida para serem homens dignos. É para isso que cá estamos.

FUTEBOL — De melhor a pior! Nos dias 18 e 19 de Setembro realizámos dois encontros. O primeiro foi melhor que o segundo: vencemos por 3-1. No outro, perdemos por 4-2. Com certeza haverá melhores jogos e vitórias. Estamos no início...

Luís Miguel Fontes

Cooperativa de Habitação

23 DE OUTUBRO — Data do aniversário de Pai Américo. Alguns dos seus filhos têm razões suficientes para festejarem outro aniversário que também lhes dá muita alegria: o primeiro ano depois de receberem as chaves das suas habitações.

Já tivemos ocasião de escutar quanto representa para alguns deles terem uma habitação com as necessárias condições para que seus filhos cresçam num ambiente saudável. Outros há que não sentem a mesma alegria! No seu entender, foi nossa obrigação termos trabalhado para que, hoje, beneficiem duma casa! É a outra face do homem — a velha ingratidão. Quantos e quantos pais choram lágrimas de sangue pela ingratidão dos filhos! Pai Américo também chorou e ainda hoje chora.

NOVO PROJECTO — O nosso amigo Arq. Arnaldo Barbosa executa o segundo projecto que permitirá a construção, em Vales, Paço de Sousa, de mais 24 habitações. Com as 19 já construídas e habitadas, 43 famílias de antigos gaiatos poderão ficar ali instaladas.

A Direcção da Cooperativa gostaria de ver mais este sonho realizado.

Gostaríamos também de ouvir, de novo, da boca de alguns filhos da Obra da Rua, o mesmo desabafo de alguns, em 23 de Outubro de 1992: «Este é o dia mais feliz da minha vida!»

Neste projecto, porque, na totalidade, o aglomerado familiar justifica, é nosso desejo implantar um salão social onde, para além de outras utilizações, possa funcionar um infantário. O jardim infantil é outro objectivo — para que as crianças possam brincar e saltar ao ar livre.

No primeiro projecto, muitos leitores, através de cartas e ofertas, ajudaram muito. Para este, e muito em particular para o salão social e jardim infantil, precisamos da vossa colaboração, também. A maioria dos nossos casais não tem possibilidades financeiras para suportar o custo duma estrutura desta ordem. Não se trata de um luxo, mas instalações que visem dar uma boa convivência entre os moradores.

Nota — Correspondência a enviar para: *Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos — Bloco 1 — r/c Esq. — Lugar de Vales — Paço de Sousa — 4560 Penafiel*

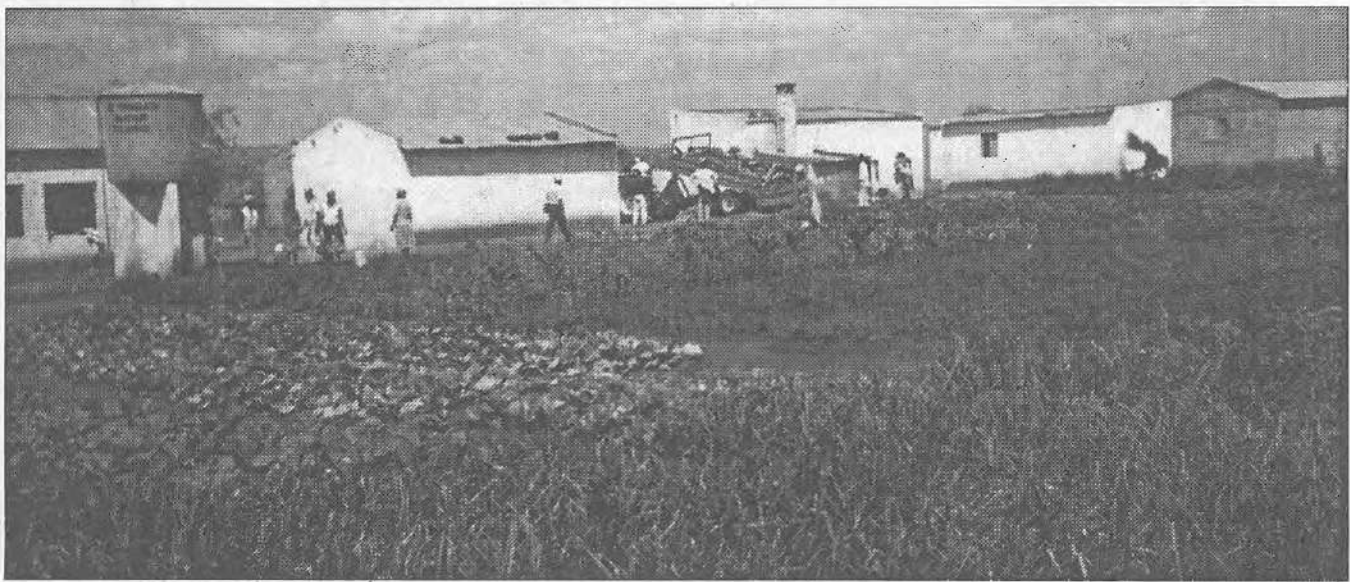
Carlos Gonçalves

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

ASSEMBLEIA GERAL — Nos termos dos Estatutos convocamos todos os associados para reunirem no dia 30 de Outubro, pelas 14 horas, na sede da Associação com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Marcação da data das eleições para o biénio 94/95.
- 2 — Assuntos de interesse para a Associação.

O Presid. Ass. Geral, José Lemos



Horta dos Idosos em Massacara 1 (Moçambique). Em baixo, dois fornos onde preparam as refeições.



ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

coitadinha. Já dissemos muitas vezes que a Casa do Gaiato nem faz nem autoriza a fazer em seu nome peditórios de rua. Estranhámos que as pessoas nossas amigas, que nos conhecem, se deixem levar e, depois, nos telefonem a dizer que provavelmente foram enganadas. Pedimos, mais uma vez, que nos ajudem a combater esta chaga que atinge tantos incautos.

Sei que a erradicação deste mal não é fácil. A pedincha instalou-se e, pela abundância de pedintes, parece que dá resultados. Não me refiro só aos do Campo Grande, Rossio, Praça da Figueira, entradas do Metropolitano, cemitérios, etc. São crianças, jovens, adultos, idosos, homens e mulheres, aleijados ou sadios. Refiro-me também aos constantes peditórios e vendas de rifas nos cruzamentos com semáforos, feitos por não sei quantas associações. Dói-me ver tudo isso. Às vezes, pouco identificados, mal fardados que, só por graça, diríamos que imitam associações de bem-fazer, de bem-querer, de bem realizar uma obra social. Vendo o desdobramento de certas fardas em certos peditórios, fico com sérias dúvidas sobre as finalidades do dinheiro. Haja um pouco de dignidade.

Pai Américo sempre lutou contra a esmola dada na rua a qualquer um sem se ter conhecimento exacto da situação. As histórias que alguns dos nossos miúdos nos contam dão para pensar um pouco. Cremos que, nem quem estende a mão, nem quem abre a carteira, ficam mais dignos; muito pelo contrário. A solidariedade e o amor fraterno não têm nada a ver com esta caricatura que é a esmola. A partilha entre irmãos é um acto humano, cristão, que não se compadece com o rebaixamento da mão estendida nem com a pressa das moedas que se lançam fora. Exige comunicação e amor entre dois seres revestidos de dignidade. Exige sentido de justiça. Aquela justiça dignificante que nos vem dos primeiros tempos da Boa-Nova: o que te sobra não te pertence, pertence a teu irmão em necessidade. As comunidades cristãs deveriam reflectir um pouco sobre esta doutrina. Os Pobres teriam a sua parte sem andar a mendigar e a solidariedade abriria caminho para se sentirem no próprio local e aí se curarem as feridas dos irmãos. Todos nos sentiríamos com uma consciência mais em paz e também nos perceberíamos mais humanizados. A mendicância destrói homens e avilta consciências.

Padre Manuel Cristóvão

NO Porto interrompemos em Junho na Paróquia de Cedofeita, mas esperamos ter já recommençado quando esta edição sair. E já recommençou, há dias, na Fábrica de Tintas CIN, onde, numa primeira demão, colhemos 73 novos Assinantes; como já o Mário conseguira na EFACEC um número ainda maior. Aqui está um novo campo a cultivar.

Entretanto nunca pararam de vir Assinantes novos, isolados ou em pelotão, como aconteceu hoje, de S. Tomé de Negrelos, paróquia que de há muito pulsa connosco, como se patenteia neste carta tão bela e tão amiga:

«Como planeado e prometido, aqui vai uma lista de Assinantes novos.

Campanha de Assinaturas

Quando puderem organizar os vossos serviços neste sentido, agradecemos que mandem o 'Famoso' para estas moradas. Nessa altura, cessará o envio do pacote de cinquenta jornais a que se refere a cinta anexa. Será mais trabalho para os vossos expedidores, mas terá o fruto de responsabilizar mais os destinatários. Acho que vale a pena.

É de justiça registar que, embora o pároco tenha dado o lamiré e o andamento, o maior trabalho

deste concerto foi executado pelo sacristão e por um grupo de canários que costumam andar por aqui, ao fim-de-semana, a chilrear e a traquinar, à volta do altar e do campanário. A vir alguma menção, terá de ir direitinha para ele e para estes — justamente. Uma boa fatia dessa lista é de gente novinha.

É natural que os carteiros se atrapalhem. Já procurámos prevenir. Se, mesmo assim, houver devoluções, pedimos que as mandem, em molho, para esta paróquia. Nós cá nos arranjamos; e, assim, ficamos a saber onde o carteiro teve dificuldades, para remediarmos o problema.

Como vêm todas as dificuldades foram previstas. Oh delicadeza!

Padre Carlos

PASSO A PASSO

O Fábio

O Fábio acaba de nos ser colocado nas mãos, juntamente com mais alguns rapazes. No primeiro contacto que temos, mostra-se alegre e entusiasmado, querendo saber dos campos de jogos e da piscina. Nesses momentos, o seu à-vontade confunde-me interiormente, deixando-me sem perceber como é que o rapaz pode enfrentar a sua nova situação com aquela leveza.

A questão não fica muito tempo sem resposta. Chega a hora do almoço e a sineta da Capela a todos chama para o refeitório. No caminho para lá, algo acontece ao Fábio... Aquele rapaz aberto, extrovertido, recolhe-se e desata a chorar! Não o conseguimos convencer a ir almoçar.

Foi o primeiro dia entre nós. O sono à noite é tranquilo. No almoço do dia seguinte, a mesma reacção. Serenamente convidamo-lo a comer. Perante a insistência parece não nos escutar, mas acaba por surgir a primeira vitória... Pelo canto do olho vemos-lo pegar na colher, e depois de a encher, levá-la

lentamente à boca... Ambos saímos vencedores!

A noite, a vitória consolida-se: «A comida nunca mais vem!» — diz o Fábio.

Não fica por aqui este garoto. Acabado de jantar, passando junto a um outro dos mais novos, mais pequeno e mais indigente que ele, acaricia-o amorosamente! — O reconhecimento da necessidade do seu novo irmão!

O que é que se passa entre nós, para que este menino nostálgico nas primeiras horas, assuma rapidamente a sua maneira de ser, vença a inclinação natural de primeiro olhar para si e seja capaz de ver um outro mais necessitado que ele próprio?

Quantas maravilhas nos são dadas ver! É certo que Ele se esconde nos mais pobres, mas as crianças descobrem-no.

Este passo dado pelo Fábio, intuitivo no seu coração; elevou um pouco mais a Humanidade porque apontou o caminho para a promoção do homem: o gesto eficaz do amor, de um Pobre para o outro Pobre. Bem-aventurados os Pobres!

Padre Júlio

Tribuna de Coimbra

Amigos das Beiras

HOJE é domingo. À hora em que escrevo estas palavras, em casa, há silêncio profundo. São horas altas da noite. Neste silêncio nocturno adivinho no coração dos rapazes muita paz e tranquilidade. Foi um dia muito belo; diferente. Tenho a certeza que os «fantasmas» que frequentemente povoam o sono de alguns são exorcizados pela experiência de carinho e amizade que um grupo grande de Amigos das Beiras — de Castelo Branco e Cafede — viveram connosco.

Vieram de manhã; uns de autocarro, outros em carro próprio. Começámos pela Eucaristia. Um encontro marcado pela Palavra de Deus e pela comunhão com o Senhor. No centro destes encontros, antes de mais, a Palavra de Deus. Palavra essa, vivida há muito e de forma especial pelo Padre Américo e hoje continuada na Obra da Rua e suas vertentes: Casas do Gaiato, Património dos Pobres e Calvário. Disse da Nova Evangelização. Sim, que ela deve ser reconhecida na sua novidade por «um ir» aos Pobres e por eles se deixar evangelizar. Disse da maternidade da Igreja; que toda Ela é sacramento de Maternidade e como tal geradora de vida; que esta vida carece de corações que a façam chegar aos mais pobres, os preferidos do Senhor.

Uma celebração muito participada na oração, envolvendo os meus num ambiente de carinho e ternura: era a presença do Senhor! Não esqueçamos os que não puderam vir. Nós temos lá uma multidão de Amigos!

Seguidamente, o abrir dos cestos. Em pouco tempo as nossas mesas, de pedra nua, ficaram revestidas de mil e uma guloseimas que faziam cair os olhos dos rapazes. O amor aos Pobres, aos pequeninos, tem também este nome: a barriguinha aconchegada. Ficámos com almoço e merenda; e ficará para mais almoço e mais jantar do outro dia. Somos cerca de cem bocas a comer. Uma operação de

multiplicar que já se repete, há alguns anos. Bendito seja Deus! Faz tão bem este repartir a quem vem e a quem está! Os nossos mais pequeninos não pararam de colo em colo. São naturalmente os mais prendados pelo afecto e pela atenção. Toda a gente lhes quer pegar e saber coisas da sua vida: como vieram, quem trata deles... «Como são tão lindos...!» — arrematam.

Depois do almoço o cafezinho no bar; e uma visita à Casa e às nossas obras feitas com a ajuda de muitos destes nossos Amigos. À tarde, mais um momento de reflexão. A voz de Pai Américo, a sua vida a calar sempre fundo em todos; a actualidade das suas palavras em matéria social e prática do Evangelho. A merenda a seguir e, depois, o escurecer deste Inverno precoce apressam a partida. No autocarro a despedida com um cântico de acção de graças ao Senhor. Na alma de todos Deus espalhou a semente da alegria de quem dá com simplicidade e amor: «...o que fizeste ao mais pequenino... foi a Mim que o fizeste...». O Filho do Homem reconhecido por Pedro na Sua divindade e Omnipotência assim o declara: «... O que fizeste ao mais pequenino... foi a Mim que o fizeste». A presença da Igreja junto dos mais pobres; a presença destes nossos Amigos na Casa do Gaiato dá vida, afecto e ternura à inteligência da fé.

Os sinais são evidentes: o que mandou a Maria Adélia — velha amiga nossa e dos meninos pobres de escolas da Beira por onde tem passado...; o que vinha em três sobrescritos proveniente do peditório da Missa e do leilão das bonecas e das pegas...; o que a «Dona», já aqui falada por mais do que uma vez, trazia noutro sobrescrito com a recomendação de que não dobrasse...; a partilha do grupo coral de S. José Operário; a migalhinha da viúva do Bíblico do R.º das Perdizes; os Amigos de Cafede a representar aquela Comunidade com uma carrada de notas e trinta e seis assinaturas novas d'O GAIATO; tudo sinais da mesma fé e somados setecentos e cinquenta contos, sem contar com os cento e cinco que aquele nosso Amigo rubricou em cheque, ainda no autocarro, ao saber da necessidade de um frigorífico novo que, afinal, já cá estava à espera de quem cobrisse a despesa. Sinais normativos para uma evangelização renovada na mente e no coração. Deus seja louvado!

Padre João



Quando vos visitei, gostei muito de ver o Padre Carlos, assim como também os companheiros do meu tempo de gaiato. Já lá vão dois anos que não ia aí. Gostei muito de rever a Casa onde fui criado. Quando houver oportunidade, quero que minha mulher conheça a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Ela não foi comigo por estar de esperanças. Serei pai neste mês de Outubro. Esta fotografia, tirada no dia do nosso casamento, ofereço-a à Casa do Gaiato.

Fernandinho

DOUTRINA



...alivia penas e pede sacrifícios

A palavra *crise*, gasta e batida na boca do mundo, é um barbarismo na Obra da Rua, como era na antiga *Sopa*. A gente não tem medo de nada nem de ninguém; e se às vezes nos humilhamos e descemos até ao chão — de cócaras nunca.

NO primeiro dia desta semana, o senhor da bilheteira, à Estação Nova, trincou quatro bilhetes para outros tantos gaiatos que se foram juntar aos mais, na Casa deles. Eu também fui. É sempre uma hora cheia: alegria dos miúdos, comoção dos presentes, simpatia dos mirones. Uma irmãzita também quer ir «remendar meias» e fica a chorar porque o comboio apita e larga sem fazer caso dela.

E como vim, faço, na quinta, as regras de hoje, à mesa de trabalho, regalado. Daqui mesmo oiço a voz dos catraios: uns nos ramos das oliveiras, a limpar musgo e a cantar modas; outros a fazer castelos de cavacos, rachados ontem sob os telheiros; os mais pequenos disputam os melhores baloiços. A cada momento sou interrompido e chamado para mirar a «bicha-cadela», catada nas oliveiras; arbitrar qual o «castelo» mais alto e mais bem feito, atender pedidos, ouvir queixumes — apaziguar.

LOGO à tarde vamos aos grilos, nos montes. Cada garoto tem a sua gaiola com o seu grilo, suspensa na cabeceira da cama. O Luizito, chegado ontem à tarde, quer saber se também há grilas e como se conhecem! E temos actualmente a mesa posta a onze gaiatos, número elevado para um pobre pai de família.

Padre Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

O bom sabor da gratidão

Eu vinha da quinta a passar junto à vacaria. Aproximou-se um dos trabalhadores do gado e perguntou com ar muito delicado: — *Diz-me as horas se faz favor?* — São onze, respondi eu. O rapaz abre os braços e aperta os meus dizendo: — *Muito obrigado.*

Soube-me tão bem este gesto de delicadeza e de gratidão! A gratidão sabe-nos sempre tão bem! Embora procuremos servir sem a mira imediata da gratidão mas, quando ela aparece, ajuda-nos também a encher a vida.

Devo testemunhar que o servir dos Padres da Rua é gratuito. A recompensa que esperamos é a que o Pai Celeste tem reservada para todos aqueles que O servem e que servem os irmãos.

Devo também testemunhar que na nossa vida recebemos imensos gestos de gratidão dos rapazes que ajudámos a criar. Por vezes, eles nem sabem o que de melhor têm para nos dar. Geralmente, eles são muitos gratos.

Obra de Rapazes para Rapazes pelos Rapazes

Vim uns dias dar a mão à Casa do Gaiato de Setúbal. Padre Acílio procurou repousar e pôr em dia a vida do escritório. Depois da

Vistas de Dentro

operação cirúrgica a que teve de se submeter e da intensidade da vida de Verão desta Casa, sentia-se cansado. Ele é um Homem forte do nosso tempo e deseja continuar a sê-lo até que Deus lhe conserve as forças. Vim somente para o ajudar.

Tenho-me sentido maravilhado com a dedicação e responsabilidade de quase todos os cento e cinquenta membros desta família, especialmente os chefes.

Vim num tempo muito marcado por tarefas inadiáveis: cortar e ensilar o milho; apanhar os tomates e transportá-los para a fábrica; fazer a vindima e preparar o vinho; semear as primeiras ervas para o gado; começo do ano escolar.

Nestas duas semanas quase não houve horas de comer e dormir para os

condutores dos tractores e das carrinhas. Dois dias foi até à meia-noite. Em três, de chuva, alguns não se chegaram a abrigar. Com que alegria vieram dar a notícia de que «o silo está cheio e já todo tapadinho!» O entusiasmo quando encheram, pela quinta vez, a camioneta de tomates e a viram partir para a fábrica! O grupo grande, que fez a vindima, quis acabar no fim da semana e veio jantar muito depois da hora! Os semeadores da erva andaram com o tractor e máquinas até tarde e, no dia seguinte, às seis horas, já estavam outra vez no campo. Os estudantes procuraram não faltar à apresentação do ano escolar.

Todos os dias, ao fim do dia, me juntei com um deles na Capela e celebrámos a Eucaristia em Acção de Graças. Senti e saboreei a profundidade em vida do lema da nossa Obra: *De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.*

Padre Horácio

«Da Família nasce a Paz para a Humanidade»

Continuação da página 1

«... sintetizou-o nesta expressão tão simples, bela e profunda (e paralela ao tema que vimos reflectindo): «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Regressar a Nazaré é ir em busca de Maria e de José a fim de aprendermos com Eles a *ser* e nos capacitarmos para trabalhos incomparavelmente mais difíceis do que os que Jesus Lhes deu.

Mediante este «regresso» pais e mães irão construindo «progresso social cristão». E como «este é o novo nome da Paz» — eis como «da Família nasce a Paz para a Humanidade».

Padre Carlos



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239